

**Liberdade para
PIRES JORGE!**
**Lutemos pela
Amnistia aos
presos políticos**



Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

**O COMITÉ CENTRAL
DO
PARTIDO COMUNISTA
PORTUGUÊS
DEFINE A POSIÇÃO
PARA AS PRÓXIMAS
« ELEIÇÕES »**

(Ver nas páginas 3 e 4)

1.º DE MAIO em Lisboa e no Porto

Todo o centro de Lisboa, desde a Praça do Comércio até à Avenida da Liberdade, foi ocupado por forças policiais. Mas nem a mobilização massiva de todas as forças repressivas, nem as ameaças do Ministro do Interior, puderam impedir que os trabalhadores rompessem uma manifestação nas ruas da cidade, comemorando o 1.º de Maio, à palavra de ordem do Partido Comunista. O mesmo aconteceu no Porto, onde trabalhadores e estudantes organizaram uma manifestação, ocupando a Praça e a Avenida da Liberdade e lutando contra as forças repressivas. Com cartazes e gritos, os manifestantes exigiam a satisfação das suas reivindicações imediatas, a Liberdade, a Democracia!

Continua a grande ofensiva desencadeada pelos operários e outras camadas trabalhadoras contra a exploração e contra a política fascista. No mês de Abril 3.000 pescadores do bacalhau, da pesca à linha, recusaram-se a partir enquanto não vissem satisfeitas as suas reivindicações. Movimentaram-se os pescadores de sardinha da costa Norte. Na região de Setúbal os trabalhadores lançaram-se na luta, com as greves na **Movauto** e na **Volkswagen**, lutas na **Fiat**, na **INAFSA**, na **SAPEC**, **SO-FEL**, na **União Panificadora Setubalense** na **Fábrica de Papel**, na **IMA**, **SECIL**, **Mecânica Automática** e outras empresas, num movimento reivindicativo que, a partir de Março, abrangeu praticamente todo o proletariado da região.

Finalmente, nas proximidades do 1.º de Maio entraram em luta

milhares de trabalhadores da **Margem-Sul**. Destas ainda não possuímos informações pormenorizadas. Mas podemos concluir desde já que a vaga de lutas operárias iniciada no princípio do ano na região de Lisboa e Baixo Ribatejo e com a movimentação dos ferroviários, alastrou a outras regiões e outros sectores, mobilizando novas camadas de milhares de trabalhadores.

Confirmam-se plenamente as palavras do camarada José Vitoriano, membro do Secretariado do C.C. do Partido Comunista, proferidas no dia 1.º de Maio aos microfones de Rádio Portugal Livre: — « Este conjunto de lutas tão importante num curto período, que abrange cerca de uma centena de milhar de trabalhadores e que há vários anos não se verificava no nosso país com esta amplitude, é uma valiosa contribuição à luta

geral contra o fascismo. Além disso, a combatividade e a firmeza revelada pelos trabalhadores mostra que as suas disposições de luta são grandes, que a sua unidade e consciência de classe se têm fortalecido, e que estão decididos a fazer valer os seus direitos. Todas estas lutas têm um profundo significado e enorme valor políticos. As promessas demagógicas de liberalização de M. Caetano e à passividade e atentismo aconselhados pelos que acreditam ou fingem acreditar em tais promessas, a classe operária responde com a luta, único caminho que se lhe apresenta para conseguir a satisfação das suas reivindicações económicas e políticas ».

Passamos a noticiar mais detalhadamente algumas das lutas que referimos e outras, assim como a conclusão vitoriosa, total ou parcialmente, de algumas já relatadas em números anteriores do « Avante! »

É PRECISO AVANÇAR NA CAMPANHA « ELEITORAL »

Quer se situem à direita, ao centro ou à esquerda, os democratas não podem nem devem aceitar o colete de forças com que o governo tenta paralisá-los.

Depois do documento « À Nação », um grupo de democratas pertencentes às « correntes socialistas de expressão democrática », num documento intitulado « Ao País », proclamam a necessidade de se formar « uma **Ampla Frente Democrática**, coordenada no plano nacional... » e declaram: « Postas de parte as divergências naturais que, no plano doutrinal, existem entre diferentes sectores da Oposição, é possível encontrar uma plataforma comum a todos os democratas que represente um terreno firme de entendimento para uma vasta e patriótica coligação de forças ».

Ao mesmo tempo que saudamos estes propósitos de unidade e nos declaramos prontos, em qualquer momento, a trabalhar em conjunto para a realização prática de tão importante objectivo, reafirmamos a opinião de que **as palavras deverão corresponder os actos**.

Ora, numa recente reunião nacional realizada em Leiria, com a presença de cerca de 170 democratas de quase todos os distritos do País, alguns elementos mais destacados das ditas « correntes socialistas de expressão democrática » opuseram-se, com despropósitos, à elaboração de um simples comunicado que resumia a unanimidade das seguintes ideias expressas durante a discussão:

— Pela intervenção na campanha « eleitoral »;

— pela imediata constituição de comissões nos distritos onde ainda as não haja;

— pela unidade democrática e a apresentação de listas únicas;

— recusa e repúdio à participação de listas mistas com a « União Nacional ».

Quando um seu correligionário, que presidia à reunião, resumiu estas conclusões, os citados elementos (que ainda há pouco pretenderam dar lições de democracia nas comemorações do 31 de Janeiro no Porto), declararam-se traídos e logrados. Proclamava um deles ter tido na véspera a

garantia de que a reunião não seria deliberativa (como se fosse ceder para deliberar!) verberando o presidente da mesa por ter tirado tais conclusões quando, algum tempo antes, assinara com ele um documento diferente!...

Que se esconde, afinal por trás de tudo isto? Acaso não seria a reunião de 170 democratas, representativos de quase todos os distritos, uma bela ocasião para se avançar na criação da tal **Ampla Frente Democrática** referida no documento « Ao País »? Ou teremos que pôr em dúvida a sinceridade daquelas palavras?

(continua na 2.ª pág.)

3.000 PESCADORES DO BACALHAU EM LUTA — Os pescadores da pesca à linha recusaram-se a partir para a Terra Nova com a matrícula antiga exigindo 10 contos de entrada em vez dos 7.200\$00 anteriores. Além disso exigiam a abolição das escalas por cada quintal de pescado, reclamando 100\$00 fixos por quintal. Ao fim de várias semanas de luta, com a unanimidade de reivindicações de todos os pescadores à linha espalhados pela costa, desde a Fusetas até Ilhavo, alcançaram uma importante vitória, embora parcial: aumento de 20% sobre os

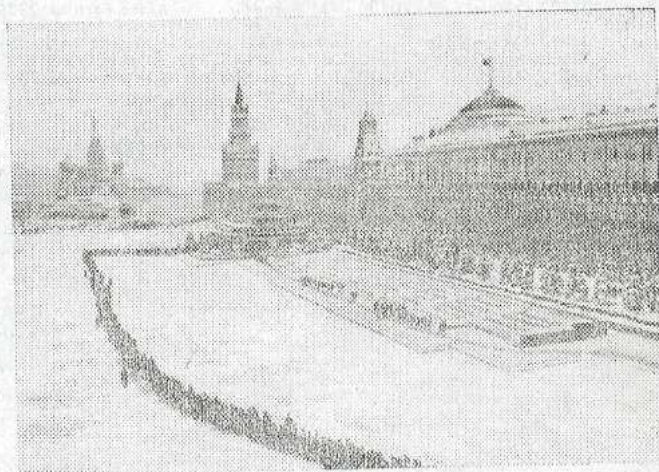
(continua na 2.ª pág.)

VAI REALIZAR-SE A CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DOS PARTIDOS COMUNISTAS E OPERÁRIOS

Vai realizar-se em Moscovo, com início no dia 5 de Junho, a Conferência Internacional dos Partidos Comunistas e Operários. Aberta a todos os Partidos, será a seguinte a sua ordem de trabalhos: « As tarefas actuais da luta anti-imperialista e a unidade de acção dos Partidos Comunistas e Operários, e de todas as forças anti-imperialistas ».

Na sequência de numerosas conversações bilaterais e multilaterais, dos trabalhos do Encontro Consultivo de Budapeste em Novembro de 1968, da reunião da Comissão Preparatória, em Moscovo, em Março último e duma próxima reunião da mesma Comissão no mês de Maio, a realização da Conferência responde

(continua na 6.ª pág.)





ALASTRA A VAGA DE LUTAS OPERARIAS

(continuação da 1.ª pág.)
7.200\$00 e as percentagens por quintal pescado.

Os pescadores da sardinha da Costa Norte reclamavam a caldeirada de peixe que lhes foi roubada no ano passado. Em Portimão, os descarregadores de peixe exigiram e obtiveram um aumento de 25%, por caixa.

GREVE NA NOVALTO (Setúbal) 800 operários foram para a greve de braços caídos no começo de Março exigindo aumento de salários e outras reivindicações. Alguns operários foram despedidos, mas todos se mantiveram firmes, conseguindo o aumento e a readmissão dos colegas despedidos.

GREVE NA FÁBRICA DE PAPEL (Setúbal) — (antiga Fábrica das Baleias) — Mais de 100 operários foram para a greve em meados de Março. Tentando paralisar a luta, foram presos 2 operários. Mas a greve continuou por 3 dias, e os operários conseguiram o aumento exigido e a libertação dos companheiros presos.

REACENDE-SE A LUTA NA CARRIS DE LISBOA — Em fins de Fevereiro os trabalhadores da Carris começaram a dirigir-se em grupos ao Sindicato para exigir uma resposta acerca das reivindicações deixadas em suspenso quando das lutas de Junho de 1968. Como se sabe, obtiveram então um aumento de 20\$00 diários e 50% de subsídio de férias, assim como a promessa para breve dos restantes 10\$00 diários e dos restantes 50% de subsídio de férias reclamados. A estas reivindicações ainda não satisfeitas, juntam-se agora outras: — horário de 7 horas a terminar na sede e o pagamento do 13.º mês.

Em 17 de Março os trabalhadores passaram à acção. Realizaram uma concentração-reunião com a presença de várias centenas. A

uma proibição de qualquer reunião, afixada no dia 18, responderam no dia 19 com uma nova concentração-reunião de cerca de 1.000 trabalhadores, no fim da qual exigiram a presença dum administrador que lhes prometeu uma resposta para o dia 26. Neste dia voltou a realizar-se uma grande concentração. A polícia de choque e a Pide apareceram para intimidar.

OS FERROVIÁRIOS CONTINUAM A LUTA — Num comunicado intitulado: «I Encontro Nacional dos Ferroviários — Conclusões» — depois de salientarem que as conquistas que obtiveram pela sua luta não satisfizeram a classe, insistem que o aumento de salários continua a ser a primeira e mais importante reivindicação dos ferroviários, mas indicam outras que desejam ver satisfeitas, entre elas o horário das 8 horas, pagamento das horas extraordinárias, etc. Afirmam que a repressão não poderá fazê-los recuar e apelam para uma maior unidade e organização e reforçamento da Comissão Nacional dos Ferroviários.

GREVES, CONCENTRAÇÕES, PARALISAÇÕES — Na BIC de Sacavém, 100 operárias conquistaram 10\$00 de aumento diário ao fim de um dia de greve. Greve de 2 dias na MAFALDA (confecções) e «cera» na SOGANTAL, ambas no Montijo, por aumento de salários.

Concentrações na MAGUE (Baixo Ribatejo) e na CIMENTOS TEJO (Alhandra). Paralisação na CIMIANTO.

Na NITRATOS de PORTUGAL e na SONADEL os trabalhadores conseguiram com a sua luta a passagem ao pagamento mensal.

VITÓRIAS na TUDOR e na METAL de Castanheira do Ribatejo, com a obtenção de aumentos de salários. Na SIDERURGIA NA-

CIONAL, antes que a luta avançasse, foram dados aumentos diários de 10 a 12\$00.

Na TAP, em fins de Março, continuava a «cera-zelo» do que tem resultado atrasos e mesmo supressão de algumas carreiras de aviões.

Continuam em luta os trabalhadores da Câmara Municipal de Lisboa. Os da limpeza, «almeidas» depois de algum tempo de «cera» obtiveram um aumento de 10\$00, assim como os motoristas.

MINEIROS DE S. PEDRO DA COVA — Os mineiros dum pogo recusaram-se a descer por falta de segurança na mina. As intimidações patronais responderam «Somos todos!» declarando que não desceriam enquanto o engenheiro não fosse observar e não se responsabilizasse.

É PRECISO AVANÇAR

(continuação da 1.ª pág.)

Pela clareza de propósitos

Noutra passagem daquele documento é dito que «uma tal situação não se compadece com uma posição de abstenção, tomada desde já, isto é, antes de se terem esgotado todos os meios de luta ao nosso alcance...» Os termos são dúbios. Não fica claro se aquele desde já significa se pensam ou não aproveitar o período «eleitoral» até ao fim para lutar, no próprio terreno do adversário, pelas reivindicações democráticas. E a expressão «antes de se terem esgotado todos os meios de luta ao nosso alcance» não só não define com clareza quando se consideram esgotados todos os meios de luta ao nosso alcance, como não caracteriza esses meios de luta.

Temos de reconhecer que, neste aspecto, a posição da A.D.S. não se presta a equívocos, declarando-se abertamente abstencionista. Posição que, aliás, na opinião do Partido Comunista Português, nas

LUTA DOS TIPÓGRAFOS

Em 7 de Março os tipógrafos do «Diário Popular» paralisaram durante algumas horas reclamando aumento de salários. A luta foi vitoriosa. Após esta luta os tipógrafos do «Diário de Lisboa» preparavam-se para paralisar também. A administração apressou-se, porém, a rever os salários.

Greve dos assalariados agrícolas de Alpiarça

No início do inverno fizeram 3 dias de greve reivindicando aumento de 2\$50 por hora. Venceram, passando a ganhar 12\$50 à hora.

Em Janeiro, os operários rurais de Alorna, Almeirim, preparavam-se para lutar, o que obrigou o patronato a dar-lhes mais 2\$50 por hora, isto é, 10\$00.

condições presentes, não serve a luta dos democratas e das massas populares contra o regime.

Não há alternativa de saída pacífica

Todo o comportamento dos governos de Salazar durante mais de 40 anos, tal como o do governo de 8 meses de M. Caetano demonstraram de sobejo, para quem queira ver e não tem as massas nem a sua luta, que a saída pacífica da actual situação não é a perspectiva a colocar e, muito menos ainda, «uma saída via eleitoral».

Poderia parecer que os signatários do documento «Ao País», uma vez consumada a Jarsa eleitoral que prevêem, concluíssem finalmente que a perspectiva para o derrubamento do governo fascista é o levantamento nacional, o insurreição popular armada. Mas não é assim. O seu pensamento está inteiramente preocupado em convencer o governo e seus apaniguados a evitar o que já chamaram de «trágica alternativa».

Unidade de acção para a conquista de novas posições!

Tal como a A.D.S. e os «socialistas antitotalitários», declaramos que o governo de M. Caetano prepara uma Jarsa eleitoral. No entanto, o tentativo fascista de meter nas listas da «União Nacional» alguns oposicionistas, a ter sucesso, tornaria mais repugnante aquele Jarsa e representaria, para aqueles que se prestassem a colaborar com a União Nacional, o repúdio do seu passado democrático, um acto miserável de traição.

Lamentavelmente, oposicionistas houve que se mostraram hesitantes, prestes a aceitar o convite à dança com os fascistas. Um caso conhecemos em que um «socialista antitotalitário» chegou a propor numa assembleia de democratas que tal perspectiva fosse encarada.

Do que os democratas forem capazes de fazer no terreno da acção prática, do nível da mobilização e das acções de massas, dependerá o que o governo fascista de M. Caetano possa fazer.

Podem conquistar-se novas e mais sólidas posições ao fascismo através da Unidade de Acção de todos os democratas e da luta popular de massas, mas seria iludirmo-nos e iludir o povo português pensar que, no regime actual, se possa alguma vez realizar eleições livres, mesmo que se conquistem as condições reclamadas. Aquelas só poderão ter lugar após uma mudança de regime e de governo, por meios revolucionários, num sentido democrático.

Quantias recebidas dos amigos do Partido

A minha ajuda 700\$00	Casal de funcionários 1.831\$60	Helena Magro 600\$	Niemeyer 40\$00
Abel 100\$00	Catarina 350\$00	Ho Chi-Min 20\$00	Isem 40\$00
Alvaro 2.000\$00	e Luísa (A) 20\$00	Idem 20\$00	No bom caninho 400\$00
Idem 2.000\$00	Cheufers vermelhos 60\$00	Imprensa Livro (F) 224\$00	Oferta 10\$00
AMP 60\$00	Cholokov 10\$00	Iniciativa do Nat'J 4.320\$00	Olivares 10\$00
AMP (Natal) 60\$00	Idem 10\$00	Idem 280\$00	Idem 5\$00
Amigo do Partido 10\$00	Comerciante comunista 300\$00	Intellectual vermelho 100\$00	Os dois socialistas 20\$00
«do loja 100\$00	Centro o oper. tuniso 200\$00	João (F) 563\$00	Idem 20\$00
«do quinta 50\$00	Dévidas do Natal 30\$00	J. Adelino dos Santos 70\$00	Panova 40\$00
Amigos sem censaço 427\$00	Dejusa de Revolução cubana 20\$00	José Bernardino 200\$00	Idem 20\$00
«do Partido 35\$00	Idem 10\$00	Leitura (M) 10\$00	Pela vitória do nosso Partido 280\$
Amnistia 10\$00	Democrata 500\$00	Idem (P) 5\$00	« Democracia 50\$00
Anti-fascista 50\$00	Democratas do Canadá 520\$00	Liberdade para os presos políticos 275\$00	« firmeza de J. Pires Jorge 240\$
Anti-fascistas da Venezuela 2.225\$00	Democrata socialista 200\$00	« para Dias Lourenço 10\$00	« revolução (S) 100\$
Arquimedes 50\$00	Idem 200\$00	« para Pires Jorge 100\$00	« unidade 100\$00
Assim foi o tempo 210\$00	Dias Coelho 50\$00	Lula armada 280\$00	Pelo socialismo (E) 2.000\$00
Idem 62\$50	Idem 20\$00	« idalgica 80\$00	Por uma verdadeira democracia 400\$00
Idem 130\$50	Dinis Miranda 90\$00	Mão orgulhosa 50\$0	Idem 380\$00
«Avante!» 150\$00	Idem 3.500\$00	Idem 3.000\$00	Por acções concretas 400\$00
Avante classe 150\$00	Idem 10\$00	M. Rodrigues de Silva II 10\$00	Por um movimento democrático de mulheres 300\$00
«operária 40\$00	Idem 10\$00	M. R. da Silva II 170\$00	Pires Jorge 500\$00
«metalúrgicos 10\$00	Idem II 15\$00	Idem III 170\$00	Idem II 20\$00
«pela liber. do (X) 20\$00	Domingos I 15\$00	Medalhas 200\$00	Reforma Agrária 100\$00
Avo 2.000\$00	Idem II 15\$00	Médico progressista 100\$00	Rogério de Carvalho (I) 1.000\$00
Canais Roche 20\$00	Idem III 15\$00	Milhões 112\$00	Idem (II) 1.000\$00
Idem 50\$00	Encargado 50\$00	Idem 110\$00	R. vermelho 55\$00
Idem 140\$00	Efebreira 500\$00	Ministro amigo 20\$00	Sessação da Natal (BR) 300\$00
Campinha em marcha 660\$00	Gagerina 20\$00	Nacionalista 1.000\$00	« miséria 110\$00
«do Natal 760\$00	Geol 5\$00	Natal (BR) 600\$00	Serradura 100\$00
Idem 800\$00	Guilherme da Carvalho (F) 28\$00	Natal 600\$00	Sofia Far-
Idem 175\$00	Idem 56\$00	Idem 1.000\$00	

reiria 100\$00	Unidos (Tr) 1.000\$00
Solidariedade Urga I 15\$00	
Portugal- Idem 5\$00	
-Viagem 100\$00	Urga II 15\$00
Sombra ver-meia 150\$00	Idem 5\$00
Idem (Natal) 100\$00	URSS 10\$00
Simpatizante do PCP 100\$00	Velhos amigos 20\$00
Idem 100\$00	Velhos camaradas 150\$00
Telsby 5\$00	Vidreiro 20\$00
Tudo por vermelho tudo (I) 1.000\$00	Idem 20\$00
Idem (2) 4.600\$00	Idem 10\$00
Uma família alentejana 10\$00	Idem 10\$00
(6 a 10) 500\$00	Idem 10\$00
Um camarada 10\$00	Viva o 1.º de Maio 75\$00
Um sócio 4 amigos 20\$00	
vermelho 200\$00	24 de Novembro 50\$00
Unidade de acção 100\$00	
«na acção 220\$00	TOTAL 52.122\$60

Solidariedade: Recebemos e demos o respectivo destino a 35.010\$00 obtidos na festa de «L'Humanité» e 2.800\$00 de Can.

Recebemos 880\$00 de solidariedade de Can.

Duma grande campanha de solidariedade realizada em França pelos Comitês de ajuda à luta do Povo Português e que teve apoio noutros países, recebemos 170 centos, dos quais 28 centos relativos à Campanha do Natal do Preso Político de 1968.

Por nosso intermédio foram também entregues ao movimento de solidariedade de 1.500\$00, dum campanha realizada em Génova no quadro de actividade da FPLN.

Do Comité das Mulheres Soviéticas recebemos 10 relógios soviéticos, como solidariedade à luta do povo português.

O PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

E AS «ELEIÇÕES» PARA A ASSEMBLEIA NACIONAL

O governo fascista de Marcelo Caetano prepara intensivamente as chamadas «eleições» para a Assembleia Nacional. Ao mesmo tempo, que proíbe as comissões promotoras de voto, comanda as falsificações dos cadernos eleitorais pelas comissões fascistas do recenseamento. Ao mesmo tempo que lança uma intensa campanha política, proíbe que a imprensa publique documentos da Oposição. Ao mesmo tempo que insiste no palavreado «liberalizante», a repressão continua.

Prosseguindo as tradições e os métodos salazaristas, o governo

de M. Caetano prepara uma nova burla «eleitoral» na base de cadernos falsificados, da negação de direitos e liberdades às forças democráticas, da ausência de fiscalização.

É tarefa da Oposição exigir condições para a realização de eleições com um mínimo de seriedade, aproveitar as «eleições» fascistas para promover e desenvolver a acção política democrática, reforçar a organização, desenvolver, ampliar e intensificar a luta popular de massas por reivindicações económicas, sociais e políticas.

A Oposição deve lutar no terreno «eleitoral»

A possibilidade de apresentar candidatos antifascistas não é uma situação nova, não resultou de qualquer dádiva «liberalizante» do fascismo, mas sim da força do movimento democrático e da sua justa tática de aproveitar todas as possibilidades legais (mesmo as mais limitadas e contingentes) para lutar contra a ditadura; é uma conquista há muito arrancada pela Oposição ao fascismo. A participação na campanha «eleitoral» não representa uma caução às manobras demagógicas da camarilha fascista, mas uma importante forma de luta pelas reivindicações fundamentais do movimento democrático.

Em torno das «eleições» fascistas manifestam-se presentemente perigosas tendências. Esquerdistas e sectários, dum lado, conservadores imobilistas, do outro, uns sob a consigna «eleições-traições», outros com a advertência «moralista» da «participação-caução», preconizam a abstenção. Simultaneamente, alguns democratas, iludidos pela demagogia «liberalizante» de Marcelo Caetano, prenunciam-se pela participação «ordeira», pela aceitação dos limites estreitos marcados pelo governo a uma oposição inofensiva. Há ainda uns quantos que, numa atitude de renúncia ao seu passado democrático, admitem a possibilidade de participação em listas mistas com o partido fascista, a «União Nacional».

Estas tendências exercem uma influência negativa na preparação das forças democráticas para a luta no terreno «eleitoral». A predominarem, conduziriam à passividade, à capitulação ante a política fascista, à renúncia do aproveitamento de importantes possibilidades de acção, atitude com a qual, na prática, só o fascismo ficaria a lucrar.

A atitude da Oposição não pode ser nem o abstencionismo, o boicote, a recusa a apresentar candidatos, nem a participação dócil e inofensiva de candidatos prontos à colaboração com a ditadura ou à desistência prematura por receio da luta popular. A atitude da Oposição não pode ser a de contribuir para silenciar pela via do abstencionismo político ou da limitação do âmbito da sua acção, os mais candentes problemas nacionais.

Para o desenvolvimento da luta contra a ditadura, é de grande importância apresentar candidatos da Oposição, declarar a vontade de concorrer às «eleições» criar em torno das candidaturas um largo movimento e uma forte organização, exigir condições para a realização de eleições com um mínimo de seriedade e ligar a luta «eleitoral» à luta pelas reivindicações democráticas imediatas fundamentais.

Por candidaturas unitárias da Oposição

A Oposição necessita de candidatos corajosos, que gozem da confiança do povo, que ofereçam garantias de lutar consequentemente pelas reivindicações democráticas e de ligar toda a sua acção à acção das massas populares.

O Partido Comunista Português pronuncia-se pela apresentação de candidaturas unitárias da Oposição em todos os distritos. A larga movimentação de massas, a luta pelo reforço e alargamento da Unidade, os entendimentos e acordos entre os vários sectores democráticos, a escolha de candidatos resultando do debate realizado em amplas reuniões, é o caminho que poderá assegurar a apresentação de candidaturas unitárias da Oposição.

Há, porém, alguns sectores que tomam posições anti-unitárias e discriminatórias e tentam sobrepôr-se aos outros sectores e impôr a sua hegemonia no movimento. Tal posição facilita a acção repressiva do governo contra a esquerda da Oposição. É de admi-

tir que tais sectores venham a antecipar a apresentação de candidatos próprios a fim de tentarem obter o «monopólio» da representatividade da Oposição.

Os sectores políticos em que predominam sentimentos unitários não podem aceitar manobras discriminatórias nem pôr-se a reboque de quem quer que pretenda dividir o movimento democrático. É necessário trabalhar com urgência para, na base dum amplo apoio popular, apresentar candidaturas unitárias e desenvolver à sua volta um amplo movimento de massas.

A pluralidade de listas da Oposição, a verificar-se, não deverá impedir que a luta seja conduzida dentro dum espírito de unidade antifascista, de unidade de comunistas, católicos progressistas, socialistas e liberais, na luta contra o inimigo comum: a ditadura fascista.

O anticomunismo só ao fascismo serve

Nos seus esforços para dividir e intimidar a Oposição e tentar isolar o mais forte partido antifascista, o Partido Comunista Português, o governo conduz uma frenética campanha anticomunista. É lamentável que alguns oposicionistas colaborem, consciente ou inconscientemente, nessa manobra, espalhando boatos, calúnias e as mais ridículas invencionices contra o Partido Comunista Português.

Ao esforço dos fascistas para alargarem as suas bases de apoio e para atraírem ao colaboracionismo os elementos mais vacilantes da Oposição na base duma plataforma anticomunista, — devem responder os democratas de todas as tendências fortalecendo a

unidade democrática na base duma plataforma antifascista.

«Ditadura fascista ou democracia» é a alternativa que se coloca ante o povo português. A luta «eleitoral» deve desenvolver-se em torno dessa alternativa. Aos candidatos fascistas, candidatos dos monopólios e dos grandes agrários, devem opôr-se os candidatos do povo, ligados ao povo e à acção popular. A política fascista de entrega de Portugal ao imperialismo, política de exploração, de terror, de guerra colonial, de obscurantismo, têm de opôr-se os objectivos da revolução democrática e nacional e a luta para alcançá-los.

Reclamações para um mínimo de seriedade do acto «eleitoral»

A apresentação de candidatos da Oposição e a participação na campanha «eleitoral» estão indissolivelmente ligadas à luta para que seja assegurado ao acto «eleitoral» um mínimo de seriedade. Com esse fim, as forças democráticas devem reclamar e lutar enérgicamente por:

- 1.º **Liberdade de organização do movimento eleitoral dos democratas;**
- 2.º **Liberdade de propaganda eleitoral, com idêntica possibilidade de utilização dos meios de informação de massas, como imprensa, rádio, televisão;**
- 3.º **Liberdade de reunião, com igual possibilidade de utilização de lugares e edifícios públicos;**
- 4.º **Fiscalização e cópia dos cadernos eleitorais;**

5.º Fiscalização do acto eleitoral.

Apesar da demagogia «liberalizante» de Marcelo Caetano (que é natural se venha a acentuar no período «eleitoral»), o governo fascista nunca satisfará, por sua livre vontade, essas reclamações. Só a luta perseverante e corajosa, só a força do movimento popular podem obrigá-lo a ceder. A luta com estes objectivos tem de travar-se desde já e até ao acto «eleitoral» e a recusa do governo em atender às reclamações não deve servir de pretexto para a não apresentação de listas de candidatos, nem para a desistência prematura das candidaturas e, com ela, a renúncia à luta política no período «eleitoral».

Às dificuldades e limitações levantadas pelos fascistas devem os democratas responder com redobrada energia. Contra as violências devem os candidatos apelar para a acção das massas.

Luta «eleitoral» e luta por objectivos concretos imediatos

A apresentação de candidatos da Oposição e a participação nas «eleições» está também indissolivelmente ligada à luta por objectivos concretos imediatos:

- 1 — **À luta contra a repressão, exigindo a libertação de todos os presos políticos, a Amnistia, o regresso dos exilados políticos, a abolição das medidas de segurança, a dissolução da PIDE;**
- 2 — **À luta pelo direito de expressão do pensamento, exigindo a abolição da censura, a cessação de apreensões de livros e publicações, utilização livre por todos os sectores de opinião e dos meios de informação;**
- 3 — **À luta pelo direito de organização, constituindo organismos e associações de carácter democrático, exigindo que seja assegurada a vida livre e democrática de todas as organizações de massas e seja abolido o coleite de forças do corporativismo;**
- 4 — **À luta pela satisfação das reivindicações mais urgentes da**

classe operária e das massas laboriosas, exigindo o aumento de salários e a cessação do aumento dos preços e dos impostos, exigindo as liberdades sindicais incluindo o direito à greve;

- 5 — **À luta pelo fim imediato da guerra colonial, exigindo o estabelecimento de contactos e negociações com os legítimos representantes dos povos de Angola, Guiné e Moçambique;**
- 6 — **À luta por uma política externa de paz e convívio internacional, exigindo o estabelecimento de relações com todos os Estados, designadamente os socialistas.**

O conteúdo do movimento democrático não se esgota na luta «eleitoral». A luta «eleitoral» insere-se na luta geral contra o fascismo e pela liberdade. Ela prepara-se na actividade diária, pela ampliação da luta por objectivos concretos imediatos apontados que pode conduzir a êxitos reais do movimento antifascista, se este reforçar a sua unidade, organização e acção.

Importância decisiva da organização

A experiência mostra que não é possível o desenvolvimento de grandes lutas contra o fascismo sem forte organização em que se apoiem.

É imprescindível intensificar a formação em todo o país das mais variadas comissões, tendo em vista o desenvolvimento das lutas por objectivos concretos indicados, assim como de comissões eleitorais, comissões cívicas, comissões promotoras de voto, comissões de apoio às candidaturas, etc.

O estabelecimento em todo o país de uma vasta e densa rede de

comissões democráticas, nos distritos, concelhos e freguesias, nas fábricas e empresas, nas herdades e aldeias, nas universidades e escolas, em todos os sectores da população, é a melhor garantia para o desenvolvimento da luta no terreno «eleitoral».

O Partido Comunista Português salienta a importância que teria no momento presente a organização unitária da Oposição, compreendendo todos os seus sectores políticos ou aqueles que defendem a unidade e lutam por ela.

Transformemos a campanha «eleitoral» numa grande batalha pela Democracia e pela Liberdade

As medidas repressivas contra as lutas da classe operária e dos estudantes, as ameaças e medidas de intimidação que se sucedem contra as iniciativas democráticas, mostram bem que o governo, apesar da demagogia «liberalizante», está decidido a prosseguir a política de terror policial do salazarismo. Tudo fará para impedir o desenvolvimento da luta antifascista no terreno das «eleições» e, sentindo-se ameaçado, não hesitará em lançar as forças repressivas contra os democratas e as massas populares.

O movimento democrático não pode nem deve ceder à intimidação. O regime atravessa grandes dificuldades, debate-se com contradições cada vez mais agudas. Se as forças democráticas, animadas por sentimentos unitários, reforçarem a iniciativa e a organização, se se apoiarem nas massas populares e mobilizarem estas para a luta, as «eleições» que o governo prepara poderão transformar-se numa grande batalha pelas reivindicações mais sentidas do povo português.

Nos últimos meses, o movimento antifascista deu importantes passos. A classe operária, em numerosas paralisações, concentrações

e greves de braços caídos, travadas já no ano de 1969, trouxe ao primeiro plano da actualidade o seu papel de vanguarda na luta contra o fascismo. Os estudantes desenvolveram sérias lutas e alcançaram importantes êxitos, apenas diminuídos por tendências esquerdistas que deram fácil pretexto à provocação e repressão no movimento associativo. Os intelectuais intervêm nas primeiras filas da luta política. A luta contra a repressão e pela amnistia, a luta contra a censura, a luta pelo direito de reunião e organização, a luta contra a guerra colonial desenvolveram-se, mobilizando sectores cada vez mais largos.

Impõe-se acentuar o fluxo da luta económica e política. Impõe-se organizar a intervenção cada vez mais activa da classe operária nas acções políticas e nos trabalhos preparatórios para a participação da Oposição nas «eleições» fascistas. Impõe-se não perder tempo e avançar na organização de todo o movimento. Impõe-se preparar com as lutas de hoje maiores lutas de amanhã, pela conquista da Democracia e da Liberdade.

Mais verbas e menos inqueritos

Decorridos 3 meses após o sismo de Fevereiro, centenas e centenas de famílias trabalhadoras que perderam os seus lares continuam ao abandono. Entretanto, que fez o governo? Destinou a verba de 40 mil contos (um pouco mais que as despesas de um só dia para fins militares e repressivos) para reparar os estragos causados pelo sismo! Os monumentos e edifícios públicos terão a prioridade. Quanto caberá às populações do Algarve que ficaram com as suas casas destruídas? Nada, ou apenas migalhas que nada resolverão.

Os inqueritos intermináveis sem que sejam tomadas as medi-

das imediatas que se impõem não escondem o desprezo de M. Caetano e do seu governo pelas populações que quiz enganar com sorrisos e promessas quando visitou o Algarve.

Mas o povo não pode deixar-se enganar. Há centenas e centenas de famílias que continuam desalojadas, sem um tecto que as abrigue. As populações devem agir, energeticamente, e sem mais demora.

Concentrando-se junto das autoridades locais, devem exigir firme e insistentemente:

«Mais verbas e menos inqueritos!»
«Queremos uma casa para viver!»

A BURLA

da «Previdência Rural»

A nova lei da Previdência Rural é uma das maiores burlas da legislação corporativa fascista. Mas não é uma burla montada somente com fins demagógicos. Os objectivos do governo com esta nova lei que estava no chôco há mais de 5 anos foram esclarecidos pelo ministro das Corporações no seu discurso de 19 de Abril em Braga.

Quais são esses objectivos?

Diz o ministro: «Combater o êxodo rural naquilo em que ele se apresenta excessivo, e a consequente inflação salarial».

Para mais fácil compreensão do significado destas palavras, acrescentamos que na sua 1.ª fase de execução esta lei só abrange no regime geral da previdência os trabalhadores especializados e os trabalhadores permanentes das empresas agrícolas de maior capacidade económica. A primeira conclusão a tirar daqui é que o governo fascista pretende fixar a mão de obra assalariada nas grandes empresas agrícolas e a diminuição geral dos salários pagos na agricultura.

É clara a pretensão do governo de lançar uma ofensiva generalizada contra o que ele chama a «inflação salarial» na agricultura, a partir da diminuição dos salários aos trabalhadores das empresas capitalistas agrícolas aos quais são concedidas algumas garantias da previdência social. Fornecendo

essas garantias a um número limitado de trabalhadores das grandes empresas agrícolas, o fascismo pretende evitar a luta por elevação de salários nessas empresas que está interessado em proteger e ver prosperar, e, por extensão, abafar as reivindicações de aumento de salários de todos os outros trabalhadores rurais.

Quem pagará os encargos com as medidas da previdência rural? Invocamos mais uma vez as palavras do ministro: Pelo que respeita às fontes de financiamento e ao custo da Previdência rural, esclareceu que «o regime especial de previdência em benefício dos sócios efectivos das Casas do Povo (não incluindo o abono) será eventualmente suportado apenas pelas actuais contribuições dos sócios contribuintes e por uma quotização dos sócios efectivos correspondente a 1,5 ou 2% dos salários. No que respeita ao abono de família será suportado na sua maior parte pela participação patronal de uns 4 ou 5% dos salários». O proletariado agrícola compreende facilmente que, quer o aumento das suas quotas para as Casas do Povo, quer as quotizações e percentagens que os patrões vão pagar, sairão efectivamente dos bolsos dos próprios trabalhadores.

Para o pequeno campesinato, nem sequer estão previstas quaisquer regalias da previdência. E mais de 60.000 assalariados não verão nenhum benefício, nem para já, nem nos anos mais próximos.

No momento actual, em que se desenvolve a luta da Oposição democrática para as eleições à Assembleia Nacional, a população laborista dos campos tem que fazer ouvir a sua voz, os seus protestos e as suas reivindicações, no quadro da luta política contra o regime fascista. Aos assalariados agrícolas compete o papel de incentivadores, desse combate, como vanguarda activa da luta nos campos.

Contra mais esta burla de «Previdência Rural», que o fascismo urdiu como um travão à sua luta e um factor de divisão, deve a população trabalhadora dos campos, e em primeiro lugar o proletariado rural responder com o desencadear de novas e poderosas lutas por objectivos concretos imediatos. O proletariado rural tem que forjar a sua unidade e organização à volta da luta pelo aumento de salários, pelo seu direito a uma verdadeira previdência social e ao trabalho garantido, pela liberdade e a democracia!

UMA VIAGEM DE PROPAGANDA PREPARANDO NOVOS CRIMES

Na boca dos fascistas, a visita de M. Caetano às colónias de Angola, Guiné e Mocimboa já era «histórica» antes de ter lugar. Como era de esperar, revelou-se uma bem orquestrada e dispendiosa campanha publicitária, um entoador de hossanas ao sucessor de Salazar e à sua criminosa política colonial.

A imprensa, a rádio e a televisão, monopolizadas pelo fascismo, têm lançado aos quatro ventos uma intoxicante apologia do colonialismo. O acolhimento concedido ao chefe do governo pelas populações teria sido «triunfal». No entanto, apesar dos numerosos autocarros postos gratuitamente à disposição dos africanos para assistirem a um raro e divertido espectáculo, o grosso dos manifestantes era constituído pelos colonialistas cujos haveres M. Caetano prometera solenemente defender, os filiados da M.P. filhos daqueles.

M. Caetano mentia descaradamente ao afirmar, no seu regresso a Portugal, que era «o povo delirante» que o aclamava e que não tinha sido protegido por escolta policial. Se até a reacção revista americana «Newsweek» deixou subentender as suas dúvidas a tal respeito afirmando que o chefe do governo viajara sem medidas de segurança «VISÍVEIS», como esperar que o povo português engula tais patranhas?

Mas a farsa da «espontaneidade» ainda não acabara: No aeroporto, centenas de fascistas, a camarilha governante em peso, lado a lado com monopolistas e negreiros; centenas de filiados da M.P., embalados pela ilusão de serem os futuros continuadores daqueles; centenas de agentes da Pide, explicando o mistério das medidas de segurança não-visíveis, mas que o povo português aprendeu a desvendar em certos vultos e expressões sinistras.

Durante uma semana de digressão pelas colónias cujos povos travam uma luta sem tréguas pela sua independência nacional, o fascista-colonialista M. Caetano

não se cansou de repetir: «estamos abertos com largueza à colaboração estrangeira». A púr dos monopolistas sem pátria da C.ª dos Diamantes de Angola, da Cuf, dos Bancos Espírito Santo, de Angola, Portugêis do Atlântico, Nacional Unramarino, Borges & Irmão e outros, além das grandes empresas a eles associadas, novos grupos monopolistas ficaram assim públicamente autorizados a sugar o sangue, as forças e as riquezas dos povos coloniais. Em troca, o governo fascista de M. Caetano espera apenas isto: ajuda crescente — militar, política e financeira — das principais potências imperialistas a fim de prosseguir e intensificar as criminosas guerras coloniais.

Depois de ter agravado ainda mais perigosamente a dependência de Portugal ao imperialismo estrangeiro e de ter estreitado as sórdidas alianças com os governos racistas da Rodésia e da África do Sul, M. Caetano gritou uma nova vitória na senda da traição nacional: «venho, se é possível, mais português do que parti»! Nenhum português digno desse nome pôde ouvir sem indignação estas palavras do chefe de um bando de vendilhões da nossa Pátria, de opressores do povo português, de escravagistas dos nossos dias.

Num momento em que tão graves problemas preocupam a vida nacional, em que a miséria e os sofrimentos do povo português aumentam com o crescimento das despesas militares e as guerras coloniais, a camarilha governante chefiada por M. Caetano procura reduzir ao silêncio os gritos de protesto do povo português com a repressão e a demagogia e não esconde o seu propósito de intensificar as criminosas guerras coloniais.

Defendendo os seus interesses vitais, o povo português deve opor-se corajosa e firmemente à política colonial fascista e exigir o regresso dos soldados e negociações com os movimentos nacional-libertadores.

SOLIDARIEDADE AOS ESTUDANTES DE COIMBRA

Tinham terminado os inflamados discursos com que fôra pomposamente inaugurado, com a presença do Chefe do Estado, o edifício da secção de Matemática na Universidade de Coimbra. O presidente da Associação Académica pediu então a palavra para falar em nome dos estudantes. Mas os fascistas estavam ali para se auto-elogiarem e não para ouvir queixas nem reclamações.

O presidente da Associação representativa dos estudantes não foi apenas impedido de falar. Foi preso à saída pela Pide. Cá fora, a polícia de choque, com cães policiais (parte da comitiva do chefe de Estado, numa simples deslocação a uma Universidade) lançaram-se brutalmente contra os estudantes espancando e prendendo. Para exigir a imediata liberta-

ção do presidente da Associação, centenas e centenas de estudantes concentraram-se junto da sede da Pide. As forças policiais voltaram a intervir com violência respondendo às reclamações dos estudantes. Atacando a torto e a direito, feriram gravemente um homem que passava ocasionalmente pelo local e deixaram feridos dezenas de estudantes.

Declarando-se em greve contra a repressão, os estudantes conseguiram a libertação do seu colega preso. Mas a sua luta continua contra as arbitrariedades de que estão sendo vítimas: a suspensão de estudantes e a instauração de um processo criminal.

Estudantes de Lisboa e Porto, solidarizai-vos com os vossos colegas de Coimbra!

MORREU

um grande democrata

Com a morte de MÁRIO SACRAMENTO, o movimento democrático acaba de perder um lutador incansável.

A sua intensa actividade anti-fascista, iniciada desde a juventude, foi sempre caracterizada pela coerência, a combatividade e o entusiasmo com que, for isso conheceu as perseguições policiais e os cárceres fascistas.

Mário Sacramento foi o grande impulsor do I Congresso Republicano que teve lugar em Aveiro, em 1957. O II Congresso, que se iniciará no mesmo cidade no dia 15 de Maio, também muito ficará devendo ao seu admirável esforço organizador.

Através das páginas do «Avante!», os comunistas prestem homenagem à memória deste valeroso democrata e patriota que soube defender, firme e corajosamente, a justa causa do povo português, no seu combate pela Liberdade, pela Paz, pelo Progresso.

Em Lisboa

Manifestação contra a agressão americana no Vietnam

No dia 28 de Fevereiro, centenas de manifestantes, na sua maioria jovens, concentrados junto da Cervejaria Portugal, desfaldaram cartazes de protesto contra a agressão imperialista ao Vietnam. Num dos cartazes, a cere de Nixon e a cruz substica; neutro, a seguinte frase: «Abaixo a guerra colonial!» Uma coluna de manifestantes, subindo

a Avenida Almirante Reis, ia engrossando cada vez mais. Perseguidos pela policia, passaram pela Av. Guerra Junqueiro, tendo chegado à Praça de Londres ainda em número de 500.

As forças repressivas intervieram brutalemente quando grupos anti-imperialistas ecoaram energeticamente entre os manifestantes.

Fora os americanos do Vietnam!

CONTRA O AGRESSIVO PACTO DO ATLÂNTICO por uma conferência para a segurança europeia

As comemorações do 20.º aniversário do Pacto do Atlântico processaram-se entre choques internos, em que venceram os partidários da linha «dura». Na sessão ministerial da NATO em Washington o representante português Franco Nogueira esteve entre os partidários da revitalização militar a todo o preço, da teoria da «confrontação» à escala mundial, contra todos os acordos e negociações. Defendeu o objectivo, que melhor pode servir as guerras coloniais fascistas, de que os «interesses das potências ocidentais se defendem não só na Europa, mas também em África, no Médio e no Extremo Oriente e na América Latina».

O fascismo português, em seu próprio interesse, apoia a estratégia da NATO ratificada na recente reunião: As forças armadas da NATO continuam considerando as armas nucleares como principal meio de guerra contra os países socialistas; criaram a chamada «defesa avançada» que consiste em concentrar nas fronteiras da República Democrática Alemã e Checoslováquia forças de choque; e aceleraram a formação duma armada multinacional como complemento da 6.ª esquadra americana no Mediterrâneo. A Bundeswehr continua a ser revigorada e armada. Intensificam-se a corrida aos armamentos, aumentam os encargos militares e a militarização na Europa Ocidental, ao serviço do imperialismo americano e das pretensões expansionistas da Alemanha Ocidental.

À custa de maiores sacrifícios económicos e maiores perigos para o povo português e do aumento da dependência ao imperialismo estrangeiro, o governo fascista de Caetano passou a dar uma contribuição muito mais intensa para que esta estratégia da NATO seja levada à prática. Acelerou-se a participação de Portugal nos planos de armamento nuclear e os portos portugueses e bases militares dos Açores passaram a servir mais intensamente como bases operacionais para as manobras da NATO no Atlântico e no Mediterrâneo. A recente viagem do ministro da Defesa aos Açores está ligada a estes planos aventureiristas e provocatórios do bloco.

Mas os povos ocidentais não estão dispostos a colaborar nas perigosas aventuras internacionais da NATO e expressam este descontentamento em grandes manifestações de massas exigindo a saída dos seus países da NATO e protestando contra as despesas militares que provocam a subida dos impostos e do custo de vida.

O recente apelo feito pelos países do Pacto de Varsóvia em Budapeste para uma Conferência de Segurança Europeia, em que participem todos os países, representa a única alternativa concreta a uma perigosa confrontação militar na Europa. O realismo desta proposta e a contribuição efectiva que uma tal confe-

rência poderá dar para o desanuviamento da tensão internacional, para a diminuição das despesas astronómicas com armamento dos países da NATO, para a paz no mundo, ganharam rapidamente o apoio da opinião pública ocidental. Até mesmo alguns governantes dos países da NATO se manifestaram favoravelmente a essa conferência, sob pressão da luta popular, como acontece com a Itália, Dinamarca, Bélgica, Holanda, Canadá, Islândia e Noruega. É necessário que o povo português se pronuncie também vigorosamente contra a perigosa política fascista de participação nos planos agressivos da NATO, apoiando a Conferência para a segurança europeia.

A SITUAÇÃO NA CHECOSLOVÁQUIA

O pleno de Novembro de 1968 do C.C. do Partido Comunista da Checoslováquia, fazendo um primeiro balanço autocritico do período compreendido entre Janeiro e Agosto e indicando a necessidade de fazer frente às forças antisocialistas, fôra um passo muito positivo para o fortalecimento do socialismo na Checoslováquia. No entanto, os factos mostraram mais uma vez com clareza que a actividade prática não correspondia às resoluções tomadas. Instigadas por direitistas e nacionalistas burgueses instalados em serviços de propaganda e em postos responsáveis, e animadas pela condescendência do Estado e do Partido, as forças antisocialistas continuaram provocando sucessivos e graves incidentes.

Com o decorrer do tempo, os acontecimentos comprovam a justeza e a oportunidade da intervenção, em 21 de Agosto, da União Soviética, Bulgária, República Democrática Alemã, Polónia e Hungria. Sem essa ajuda fraternal prestada à classe operária e aos comunistas da Checoslováquia, é hoje indubitável que já neste momento a contra-revolução se teria abertamente desencadeado.

Em Setembro de 1968, o CC do Partido Comunista Português, na sua «Declaração sobre a situação na Checoslováquia», anotou com inquirição que não estavam a ser tomadas «medidas à altura da gravidade da situação».

A CONFERÊNCIA INTERNACIONAL dos Partidos Comunistas e Operários

(continuação da 1.ª pág.)
dos anseios de unidade que, de forma crescente, se manifestam no seio do movimento comunista internacional. Perante a monstruosa agressividade do imperialismo americano no Vietnam e outras regiões do globo contra os povos em luta pela sua independência nacional e contra o soberanismo de países liberdades; perante os ataques e as actividades de sepa das forças imperialistas e reacções do mundo inteiro contra as classes trabalhadoras e as conquistas da classe operária e da comunidade socialista, há que opor uma poderosa frente anti-imperialista internacional, o que exige a unidade inque-

brantável dos partidos comunistas e operários do mundo inteiro.

Em discussões francas e fraternais com Partidos irmãos e participando no Encontro de Budapeste, o Partido Comunista Português pronunciou-se sempre pela necessidade da realização da Conferência, pela sua cuidadosa preparação na base dum trabalho colectivo de todos os partidos interessados, pelo reforço de unidade e cooperação entre partidos, pela solução das divergências existentes através de frequentes trocas de opiniões e de experiências, num espírito de camaraderagem e amizade.

O acordo para a realização da Conferência prova que, na sua esmagadora maioria, os Partidos Comunistas e Operários estão decididos a cooperar no sentido de solucionar as divergências existentes, de fortalecerem a unidade do movimento comunista internacional na base do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, pelo triunfo da causa da liberdade dos povos, do Paz, do Comunismo.

NA COREIA DO NORTE

Depois do apresamento do navio-espião «Pueblo», a Coreia do Norte defendeu mais uma vez corajosamente a sua soberania e a liberdade do povo. Um avião norte-americano que sobrevouava o país, em missão de espionagem foi abatido.

As sucessivas provocações e agressões do imperialismo americano contra a liberdade dos povos provocam a indignação da opinião pública internacional. Procurando justificar estas criminosas acções imperialistas, o presidente Nixon afirmou não poder permitir que fossem postos em perigo os 56.000 soldados norte-americanos estacionados na Coreia do Sul...

Proseguindo a criminosa agressão contra o povo vietnamita, os imperialistas americanos procuram semear novos conflitos que põem em perigo a paz mundial. Mas as forças do socialismo e da paz estão vigilantes. Os pequenos países não estão só na luta pela defesa da sua soberania, contra as agressões imperialistas, pela liberdade, pela paz!

RELAÇÕES CULTURAIS com os países socialistas

A recente visita a Portugal dum grupo de personalidades de destaque na vida soviética causou um entusiasmo fora do vulgar nos meios intelectuais e em todo o povo português. Verdadeira embaixada da cultura soviética lhe chamaram os jornais.

Como o jornalista Vladimir Prestov explicou numa entrevista à imprensa, o grupo foi organizado pela União das Associações Soviéticas para as Relações Culturais e de Amizade com o estrangeiro e houve o cuidado que fosse representado por elementos que irradiassem toda a gama da vida soviética. «Queremos conhecer os outros e queremos que os outros nos conheçam a nós! — Este foi o voto e o programa dos visitantes soviéticos, que os nossos intelectuais e o nosso povo parilharam com entusiasmo. Em reuniões e contactos com representantes das suas diversas especialidades, os intelectuais soviéticos trocaram impressões, conhecimentos e experiências. Na sua viagem pelo nosso país puderam conversar, conhecer e ser conhecidos pelo nosso povo que, quando teve ocasião, soube expressar o seu amor e admiração pela Pátria do Socialismo e pelo povo que pela primeira vez na história e construiu.

É bem vivo no povo português o anseio de quebrar as barreiras fechadas pelo fascismo às relações de cultura e amizade com os povos socialistas. A prova disso é a forma calorosa como foram recebidos em Portugal os músicos soviéticos e os grupos de ballet da Ucrânia e da Roménia.

Há que insistir e vencer a resistência e oposição do governo fascista, alargando as possibilidades já abertas por estes contactos. No interesse da cultura, da arte, da amizade dos povos e da paz; há que lutar por um real intercâmbio cultural entre Portugal e a União Soviética, assim como com outros países socialistas.